

MEMÓRIA, IDENTIDADE E LINHAGEM EM *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

Thiane Couto Santos¹

Michelly Cristina Alves Lopes²

RESUMO: O presente trabalho envolve questões relativas à memória, identidade e linhagem, cujo propósito é se debruçar sobre o romance *Leite derramado*, de Chico Buarque a fim de analisar a construção da identidade do narrador-personagem, Eulálio Montenegro d'Assumpção, vinculada com as transformações do Brasil através da memória. Partindo dessa premissa, é importante salientar que a contextualização da obra se faz presente na história da família Assumpção, nos locais descritos e nos modos de vida apresentados. Cada aspecto mencionado constrói a ambientação dos dois últimos séculos. Vale destacar os momentos de auge e deterioramento que circundam tanto as figuras da obra quanto o contexto no qual o Brasil se via envolvido. Esta pesquisa foi norteada pelos teóricos: Maurice Halbwachs, Sérgio Buarque de Holanda, Marilena Chauí, Caio Prado Júnior entre outros estudiosos que nos ajudaram a compreender o desenvolvimento social, político e histórico do país. Os padrões morais também são postos em pauta, como os princípios conservadores, dotados muitas vezes de preconceitos raciais, aspectos que atestam o quanto o sistema não visava à estruturação de uma sociedade justa. Portanto, quando Eulálio começa a narrar a trajetória da saga familiar dos Assumpção e o fim do ciclo da sua linhagem, além das relações patriarcais vigentes na sociedade da época, ele chora pelo leite derramado e tristemente experimenta o gosto azedo do passado.

Palavras-chave: Chico Buarque; *Leite Derramado*; Memória; Identidade; Linhagem.

INTRODUÇÃO

A obra que serve de escopo para este trabalho é o jovem romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. Publicado em 2009, pela Companhia das Letras, o

1 Graduada em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória.
E-mail: thianeotuoc@hotmail.com

2 Professora de língua portuguesa e literatura brasileira do Instituto Federal do Espírito Santo. Doutoranda em Letras (PPGL) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em literatura, cultura e arte pela Faculdade Brasileira. Licenciada em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória. E-mail: michellyalveslopes@gmail.com

livro está dividido em 23 capítulos e apresenta uma narrativa de tempo psicológico, cronologicamente desarticulada.

O narrador-personagem do romance é Eulálio Montenegro d'Assumpção, um velho de cem anos, que se vê sozinho e acamado em um leito de hospital público, com memória bastante falha, tenta retratar, à sua maneira, os acontecimentos vividos por ele e por sua nobre família para não cair no esquecimento e dessa forma constrói um panorama do Brasil dos últimos dois séculos, que ocorre a partir do século XV e vai até o ano de 2007.

É por meio de histórias paralelas vinculadas às principais que Eulálio utiliza a sua memória para deixar o leitor situado no contexto da época, destacando costumes e valores que vigoravam até então.

A partir disso, presente no cotidiano das pessoas, a memória é um fator importante para se “eternizar” os momentos já vividos. Conforme Eduardo Galeano (1991), a memória é o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade. No entanto, sabe-se bem que ela não consegue englobar todos os acontecimentos da vida, mas, como uma peneira, é capaz de fazer a sua seleção trazendo à tona o que julga ser mais importante tanto positiva quanto negativamente. Os processos pelos quais a memória se configura podem apresentar distinções devido a inúmeras circunstâncias, sejam de ordem cultural ou relativas à faixa etária, a condições mentais e cognitivas, entre tantas outras.

No texto *Memória e família*, de Myriam Moraes Lins de Barros, é abordada justamente essa perspectiva memorialística ao citar-se o sociólogo Maurice Halbwachs, o primeiro teórico que discorre sobre memória coletiva. Para Halbwachs (apud BARROS, 1989, p. 30-31), “cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva e esse ponto de vista varia de acordo com o lugar social que é ocupado; este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se têm com outros meios”. Por exemplo, duas pessoas podem passar pela mesma situação, mas a forma como cada uma irá reagir e, posteriormente, se lembrar, certamente terá variações, sejam de detalhes, sensações ou de outras particularidades pessoais. Por isso, o sociólogo Halbwachs acredita que as lembranças de que dispõe o sujeito o unem à sociedade com a qual possui um ou diversos grupos de referência. Assim, a memória é sempre desenvolvida em grupo, sendo que “cada memória individual é

um ponto de vista sobre a memória coletiva”, sendo possível observar que o processo de rememoração do sujeito não é desfeito, de maneira que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Dessa forma, a memória é construída de acordo com as experiências de cada indivíduo e, embora essa construção esbarre em vivências coletivas, é extremamente relativa e individual, pois demonstra a perspectiva de quem a possui.

Nesse sentido, a literatura abre margens para se pensar e repensar as estruturas sociais às quais estamos submetidos; mais do que isso, nos permite evidenciar processos históricos que, muitas vezes, retratam e/ou refletem circunstâncias que reproduzem a realidade, as nossas vivências e mesmo o contexto em que nos vemos inseridos.

Roland Barthes (1989) afirma que a literatura é, categoricamente, realista dando indícios de ser “o próprio fulgor do real”. No entanto, ela é envolta por um aspecto limitador que se dá devido ao contrassenso da linguagem ao real, tendo em conta que o real não é plenamente representável, mas, sim, demonstrável, aspecto que em nada reduz a ânsia literária de continuar tendo o real como objeto de desejo.

Neste artigo será feita uma análise sobre a memória, linhagem e a construção da identidade do personagem Eulálio Montenegro d’Assumpção. Dentro deste estudo, vamos notar que em várias passagens da obra, a memória não trata somente de lembranças, mas envolve diversos fatores e características que vão auxiliar na construção da identidade do sujeito, e essa reflexão acerca dos processos de identidade e linhagem no romance de Chico Buarque perpassa em tentar compreender o ser humano como parte de um processo histórico e social, muitas vezes vinculado às características inerentes à sua ascendência familiar.

1. A TRAJETÓRIA BUARQUIANA

Nascido em 1944, no estado do Rio de Janeiro, Francisco Buarque de Hollanda é filho do escritor Sérgio Buarque de Holanda e da pianista Maria Amélia Cesário Alvim. Mais conhecido como Chico Buarque, acumula em sua vida a carreira de músico, escritor e dramaturgo. Seu talento musical ganhou maior visibilidade a partir das participações nos festivais de música popular como cantor e compositor.

Em 1960, o músico decidiu nos apresentar a sua habilidade ímpar para escrita literária, produzindo dramaturgia. Na década de 1990, Chico Buarque³ começou a trilhar com destreza pela literatura de ficção, “resultando em romances que combinam as qualidades de *best sellers* com as narrativas épicas, retornando aos clássicos mitos de fundação” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 29). Apesar disso, é possível realizar questionamentos fundamentais que nos fazem refletir sobre a ideia clássica do autor apenas como indivíduo produtor de discursos e criador de personagens. Durante o seu desenvolvimento, a ficção dos romances indaga abertamente sobre a função autoral, os jogos de escrita, de vozes e as funções de autor, escritor, narrador e personagens. Nessa perspectiva, nota-se que “o papel e a função do autor contemporâneo são desafiados” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 39).

Partindo dessas experiências literárias Chico Buarque é tido como escritor contemporâneo tendo publicado seis romances que fizeram e fazem sucesso no mundo da literatura: *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009), *O irmão alemão* (2014) e *Essa gente* (2019).

Por três vezes o escritor foi agraciado com o Prêmio Jabuti⁴ na categoria de Ficção e de Melhor Livro do Ano com os romances: *Estorvo*, em 1992, *Budapeste*, em 2004, e *Leite derramado*, em 2010. Foi distinguido com o Prêmio Camões, o principal troféu literário da língua portuguesa, pelo conjunto da obra em 2019. Mas, esse reconhecimento só vem, coincidentemente, depois da publicação de alguns

3 É importante salientar que o trabalho de escrita literária de Chico Buarque foi desenvolvido no mesmo período da sua carreira musical nos anos de 1960, de modo que são conhecidas algumas de suas composições musicais assim como seus textos dramáticos, *Roda viva* e *Gota d'água*, que são também títulos de músicas feitas para a encenação das peças. Autor da literatura contemporânea, Chico Buarque publica o seu primeiro romance, *Estorvo*, em 1991, ou seja, depois de 15 anos da primeira experiência de escrita literária, a novela *Fazenda modelo*.

4 Criado em 1959, o Prêmio Jabuti configura-se como uma tradicional premiação literária brasileira. Chico Buarque venceu por três vezes na categoria de melhor livro de ficção do ano.

romances que tiveram notória semelhança com a realidade, como a narrativa do nosso principal objeto de estudo, o romance *Leite derramado*.

Em uma entrevista⁵ publicada no suplemento Ípsilon, do jornal Público em 2009, Chico Buarque revelou que o romance *Leite derramado* foi ganhando forma em meio às conversas que ia tendo ao longo do tempo com a sua mãe Maria Amélia, uma senhora centenária, sobre os navios que passavam por Copacabana, como os citados no próprio livro — o “Cap Polónio”, alemão; o “Lutétia”, da França; o “Arlanza”, inglês. E a ideia de o narrador ser um sujeito velho e com confusões mentais surgiu através da sua própria canção “O Velho Francisco”. A partir dessa canção, que versa sobre um velho totalmente confuso, Chico Buarque cria um personagem centenário que ora tem momentos de lucidez, ora momentos de delírios e esse processo de recordação do personagem principal, por fim, aponta para um caminho literário.

2. ELOS DA MEMÓRIA

Em *Leite derramado*, a memória é o principal elemento para a construção da narrativa, e é através dela que Eulálio Montenegro d’Assumpção explora as lembranças do passado, trazendo não só recordações, mas, também, sentimentos, desejos e fatos históricos. Nesse sentido, Halbwachs (1968) considera que a presença do sujeito é indispensável para o pensamento social, pois o homem só pode ter memória de seu passado enquanto ser social. Cada homem traz em si uma forma particular de inserção nos diversos meios em que atua.

Sendo assim, a memória de Eulálio é uma mistura de recordações e de certos delírios decorrentes das suas condições de idade, saúde e considerando que se encontra no leito de morte, o narrador-personagem viaja nas lembranças em busca da sua linhagem:

Então começo a recapitular as origens mais longínquas da minha família, e em mil quatrocentos e lá vai fumaça há registro de um doutor Eulálio

5 Entrevista publicada no suplemento Ípsilon, do jornal PÚBLICO, no dia 17 de Julho de 2009.

Ximenez d'Assumpção, alquimista e médico particular de dom Manuel I. Venho descendo sem pressa até o limiar do século XX, mas antes de entrar na minha vida propriamente, faço questão de remontar aos meus ancestrais (BUARQUE, 2009, p. 184-185).

No excerto anterior podemos observar que Eulálio reconstitui por meio da memória não só a sua hereditariedade, reconstruindo a ancestralidade paterna ao retroceder ao século XV, mas também nos apresenta uma relação existente entre a sua linhagem e a corte portuguesa ao lembrar que o Eulálio Ximenez d'Assumpção foi médico particular do rei de Portugal, dom Manuel I.

Na obra buarquiana, nascido em 1907, Eulálio é o ancião dos Assumpção e, mesmo não tendo a sabedoria dos mais velhos, tece as suas histórias de glórias e infortúnios condizentes com o cenário político e social do Brasil.

Mesmo com indicativos no início do romance de que algumas circunstâncias ora são verdadeiras, ora deixam de ser, como o fato de Eulálio começar a narrativa fazendo planos de se casar com a enfermeira do hospital em que se encontra. E em meio às promessas que ele faz está a de levar a dama para morar em um dos imóveis da família. As opções são: a grande fazenda da raiz da serra e o casarão em Botafogo. Mediante à descrição luxuosa que faz das residências, seus pensamentos vão aos poucos se reconstruindo até que ele se dá conta de que não possui mais os referidos imóveis.

A partir disso, não se tem certeza se os fatos narrados realmente aconteceram ou se são apenas vestígios de sua imaginação. O que se sabe é que, em diversos momentos da narrativa, há imprecisão na fala do narrador, deixando o leitor em dúvida quanto à veracidade do que é relatado por Eulálio.

Esse fato demonstra que há um fluxo intenso de memórias e que esse fluxo se altera constantemente, construindo e reconstruindo as lembranças. O que Eulálio afirma em dado momento poderá vir a ser negado, mais adiante, se outra lembrança mais precisa lhe vier à mente. Há uma interrupção em seu discurso quando ele diz: “[...] com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia” (BUARQUE, 2009, p. 7). Além de reformular o próprio pensamento, causando um ar de dúvidas, Eulálio também utiliza o termo “acho”, que reforça essa incerteza do seu discurso.

No artigo “*Leite derramado: ficção e história*”, os autores José Antonio Segatto e Maria Célia Leonel atestam que Chico Buarque:

[...] por meio da figuração artístico-literária, refaz a saga histórica da decadência inevitável de uma categoria social (fração da classe dominante), personificada na família Assumpção, com seus valores éticos e culturais, suas concepções de mundo e seu comportamento — estiliza, enfim, sua dissolução social e moral. E, ao fazer isso, coloca inúmeros problemas — desde humano-existenciais até histórico-políticos — para a reflexão do leitor (LEONEL; SEGATTO, 2011, p. 06).

Essa personificação expressa pelo declínio social e moral que a família d’Assumpção exterioriza é apresentada pela trajetória do decadente Eulálio, que pertence a uma linhagem aristocrática e capitalista. Em virtude dessa trajetória o velho ancião revisita a história nacional, refletindo sobre o passado e os valores contemporâneos.

Os relatos de Eulálio M. d’Assumpção (com “p” mudo, como faz questão de ressaltar) asseveram que a sua ascendência possuía prestígio. Em diversos trechos da obra refere-se à importância de seu sobrenome, afirmando, inclusive: “[...] meu nome ainda abria portas” (BUARQUE, 2009, p. 127). Por fazer parte de uma família financeiramente poderosa, o narrador rememora que a menção do seu nome bastava para desfrutar de diversos privilégios sociais, pois naquela época o nome e o sobrenome tinham uma grande valorização perante a sociedade, principalmente quando o nome era herdado do pai.

É importante ressaltar que além do nome, a família de Eulálio compartilhava outro tipo de herança: o chicote. Um objeto que personifica dominação, poder e opressão. Segundo o próprio personagem relata: “É um chicote fora de uso, uma relíquia familiar que ele herdou do pai, meu avô Eulálio” (BUARQUE, 2009, p. 102).

Ao analisar essa vertente patriarcal, em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda aponta que esta é uma estrutura que sustenta a história do país, e também aborda a identidade herdada e reconhecida pelos brasileiros ao longo de séculos. Por isso, consideram que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (HOLANDA, 2002, p. 31). A partir disso, identificamos que as nossas raízes estão estritamente vinculadas ao patriarcalismo, herança essa que foi deixada pelos povos ibéricos.

Ainda conforme o autor de *Raízes do Brasil*, o período colonial brasileiro e as heranças integradas a eles foram marcados pelos domínios rurais. Desse modo, percebe-se que os padrões familiares e políticos estão relacionados porque a vida privada e pública se funde de uma maneira que o cidadão brasileiro está envolvido desde a era colonial. Diante disso, “toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos” (HOLANDA, 2002, p. 73), por isso, a formação familiar predomina como alicerce de toda organização “dos escravos, das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do *pater* famílias” (HOLANDA, 2002, p. 81, itálico nosso).

Em “Nação: uma invenção recente”, a autora Marilena Chauí é categórica ao afirmar que:

Antes da invenção histórica da nação, como algo político ou Estado-nação, os termos políticos empregados eram “povo” (a que já nos referimos) e “pátria”. Esta palavra também deriva de um vocábulo latino, *pater*, pai. Não se trata, porém, do pai como genitor de seus filhos — neste caso, usava-se genitor —, mas de uma figura jurídica, definida pelo antigo direito romano. *Pater* é o senhor, o chefe, que tem a propriedade privada absoluta e incondicional da terra e de tudo o que nela existe, isto é, plantações, gado, edifícios (“pai” é o dono do *patrimonium*), e o senhor, cuja vontade pessoal é lei, tendo o poder de vida e morte sobre todos os que formam seu domínio (casa, em latim, se diz *domus*, e o poder do pai sobre a casa é o *dominium*), e os que estão sob seu domínio formam a família (mulher, filhos, parentes, clientes e escravos). Pai se refere, portanto, ao poder patriarcal e pátria é o que pertence ao pai e está sob seu poder (CHAUÍ, 2001, p.12, itálico nosso).

À vista disso, a autora argumenta como historicamente foi constituído o termo nação, além de discorrer sobre o conceito da palavra *pater* em latim, que ao contrário do que parece não tem o sentido de pai como genitor, mas é uma alusão ao “pai” como dono na terra e de tudo que há nela, referindo-se ao poder patriarcal.

Dessa maneira, Eulálio Montenegro d’Assumpção perambula livremente em uma linha tênue entre o público e o privado acreditando que o Estado é uma ampliação da organização familiar. Mas, Holanda enfatiza que:

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século XIX.

De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições desceriam em linha reta, e por simples evolução, da família (HOLANDA, 2002, p. 141).

Sérgio Buarque de Holanda esclarece que, embora a sociedade brasileira tenha tratado família e Estado como parte do mesmo círculo, ambas pertencem a diferentes ordens, ou seja, os seus significados divergem entre si. Para o historiador, o Estado só nasce por meio da transgressão da ordem doméstica e familiar. Nesse sentido, podemos apontar que o personagem Eulálio é o representante do patriarcado rural que se impõe na sociedade brasileira desde os princípios, por não compreender que o Estado não era a extensão da sua família, o personagem atravessou gerações acreditando que teria sempre o mesmo prestígio e poder que seu pai tinha o Eulálio Ribas Assumpção, senador da República Velha.

Mencionado no romance como a oitava geração dos Assumpção, Eulálio Montenegro seguiu a tradição da sociedade patriarcal dando o seu nome para o neto, bisneto e tataraneto. A marca da família era o nome, e isso reforça a questão da identidade. Desse modo, constatamos que os Eulálios não possuem uma identidade própria, sendo assim, sempre identificada de forma coletiva - a família dos Assumpção. Assim, Eulálio sempre que julgava necessário, usava a identidade da sua posição social acreditando que, com o passar dos anos, a sociedade continuava a ser colônia. Entretanto, o nome da sua família já não tinha prestígio nem poder. E o narrador-personagem começa a se dar conta que o seu sobrenome não tem valor nenhum quando tenta impedir a polícia de adentrar no seu apartamento dizendo que ali era a casa de um Assumpção:

Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. Ainda lhes apontei um retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamontes me deu tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu (BUARQUE, 2009, p. 127).

Com orgulho do sobrenome que carrega, Eulálio traça o perfil de sua linhagem destacando que seu trisavô desembarcou em terras brasileiras a bordo da comitiva da família real portuguesa, enquanto o seu bisavô era o grande Barão dos Arcos. Uma categoria familiar que, a seu ver, constituía um importante segmento da alta sociedade do país. Seu avô também fora uma figura de destaque: esteve ao lado do grande Imperador Dom Pedro II; já o pai de Eulálio ocupou o cargo de Senador da República, tendo significativa influência nos círculos de poder.

Nota-se que algumas das histórias de Eulálio são contadas em meio à sonolência que muitas vezes o envolve, aspecto que pode também causar interferência no relato das memórias, uma vez que o cansaço e o sono afetam a capacidade de um raciocínio claro. Referindo-se a isso, o personagem diz que “o caminho do sono é como um corredor cheio de pensamentos”. Ele afirma que “há sempre uma expectativa que me impede de cair no sono, [...] até eu topar na porta de um pensamento oco, que me trará para as profundezas, onde costumo sonhar em preto-e-branco” (BUARQUE, 2009, p. 8).

Um dos momentos em que também lhe falta certeza ocorre quando ele comenta que a filha parece estar destrambelhada “por causa do filho, ou neto, agora não sei direito se o rapaz era meu neto ou tataraneto ou o quê” (BUARQUE, 2009, 31). Circunstância simples essa apontada, mas que expressa bem às dúvidas que ele tem em relação ao fato de não saber o grau de parentesco de um dos seus descendentes.

Diante dos exemplos de fatores internos e externos que podem influenciar a memória de Eulálio percebe-se que, ainda assim, a construção de suas lembranças se dá por uma pré-seleção dos acontecimentos narrados, fato que pode apontar alguma justificativa do porquê de ele priorizar algumas lembranças em detrimento de tantas outras. O que as escolhas de Eulálio significam e demonstram? Uma das possibilidades de leitura que este trabalho oferece é enxergar a (des)organização das memórias de Eulálio como um processo de construção da sua identidade.

Stuart Hall, em *A identidade cultural da pós-modernidade* (2006), traz considerações importantíssimas para compreendermos melhor a construção social da identidade de um indivíduo. Para o autor

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Tais situações se aplicam às diversas modificações de caráter identitário pelas quais Eulálio passa. Suas memórias, prestes a entrarem no declínio do pleno esquecimento, são resgatadas através de retomadas constantes às lembranças e

experiências que o marcaram. A memória, embora desordenada, é a grande aliada de Eulálio Montenegro d'Assumpção, que a consulta constantemente e, à sua maneira, assegura que:

[...] está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que removeu a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).

A partir disso, o narrador-personagem começa a fazer relatos de fatos da sua vida por acreditar que a verdadeira morte é o esquecimento. Eulálio então se dispõe a não permitir que a sua existência se defina junto a sua carne e seja enterrada em seu túmulo, como é evidenciado no seguinte trecho proferido à enfermeira que se vê encarregada de registrar as suas histórias: “Sem você me enterrariam como indigente, meu passado se apagaria, ninguém registraria a minha saga” (BUARQUE, 2009, p. 119).

No momento que Eulálio encontra-se no leito de hospital em estado terminal com senilidade mental obsoleto, percebemos que a construção da narrativa gira em torno de valores oriundos de instituições coloniais, no qual o patriarcalismo e escravismo fazem parte.

No início do romance, Eulálio narra a decadência e a aniquilação da sua linhagem. Diante disso, o narrador personagem faz promessas à enfermeira mostrando o poder que ainda acredita ter, dirigindo-se à fazenda onde viveu, e propõe à enfermeira uma vida cheia de regalias caso ela aceitasse: “Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados” (BUARQUE, 2009, p. 5).

Um monumento cheio de lembranças que possui a marca do período colonial e imperial, a fazenda da serra é uma construção que, além de configurar poder também é marcada pelo sangue dos sujeitos escravizados.

Ao investigar sobre a identidade do país, em *Brasil: o mito fundador e sociedade autoritária*, Chauí observa as relações de dependência existente na sociedade brasileira ligada a um panorama histórico marcado exatamente pela formação dessa identidade. Então, a autora afirma que:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e as simetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. As relações entre os que se julgam iguais são de “parentesco”, isto é, de cumplicidade ou de compadrio; e entre os que são vistos como desiguais o relacionamento assume a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação. Enfim, quando a desigualdade é muito marcada, a relação social assume a forma nua da opressão física e/ou psíquica (CHAUÍ, 2001, p. 93-94).

Dessa forma, somos apresentados ao caráter hierárquico da sociedade brasileira e a sua “cultura senhorial” e, nesse percurso, é possível constatar que a identidade brasileira é indissociável da sua formação político-histórico-social. Assim, para compreendermos sobre a construção da história brasileira, precisamos entender que a constituição dessa identidade deu-se por meio da desigualdade, do mando e da submissão, da subalternidade entre outras falsas qualificações impostas pelo patriarcalismo e autoritarismo.

Na obra buarquiana, Eulálio naturaliza a violência que os negros sofriam, quando discorre sobre a história do chicote que está na sua linhagem por séculos, mas, em nenhum momento o narrador repudia o ato miserável e violento que os seus praticara com os escravos, e ainda afirma que:

O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria seu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava em grande estilo. O golpe mal estalava, era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava sempre (BUARQUE, 2009, p. 102).

Em *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (2000, p.354), o autor destaca que na sociedade colonial existia “escravo ligado ao seu senhor, e integrados ambos nesta célula orgânica que é o “clã” patriarcal de que aquele laço forma a textura principal”, como no caso do Balbino que aderiu o nome da família Assumpção, mas (sem o p mudo) “Assunção na forma mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos” (BUARQUE, 2009, p. 18).

Em “O baú da República: mobilidades e memórias em Leite derramado”, Tatiana Sena cita Foucault (1999; 2008), e revela que o racismo era compreendido como dispositivo biopolítico, que permitiu ao Estado moderno exercer a função de morte. Portanto, na teoria da soberania, o soberano tinha poder sobre o súdito, ditando se tinha direito à vida ou à morte. Mas, para administrar uma sociedade em direção à industrialização, a soberania, como uma espécie de poder, não teria utilidade nenhuma. Assim sendo, o narrador acrescenta que:

Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra, com a capela abençoada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro. Seu ex-escravo mais chegado, o Balbino, fiel como um cão, ficou sentado para sempre sobre a tumba dele (BUARQUE, 2009, p. 15-16).

No trecho acima, Eulálio relata que os escravos alforriados pelo seu avô escolheram ficar nas propriedades da família. Mas, para entendermos melhor essa citação, é importante compreender por que os escravos permaneciam “fiéis” servindo os seus senhores mesmo depois de serem alforriados. O estudioso Sidney Chalhoub explica que

[...] a concentração do poder de alforriar exclusivamente nas mãos dos senhores fazia parte de uma ampla estratégia de produção de dependentes, de transformação de ex-escravos em negros libertos ainda fiéis e submissos a seus antigos senhores (Chalhoub, 1990, p. 100).

Sendo assim, os escravos sentiam-se gratos e protegidos e isso fazia com que os seus senhores exercessem a dominação, criando uma relação forte entre a submissão e o paternalismo. Então, percebe-se que a alforria estrategicamente pensada pela elite brasileira foi apenas uma artimanha para manter os escravos trabalhando na sua propriedade.

Cada lembrança tem o seu espaço e, em meio a uma busca desenfreada, Eulálio vasculha o baú da memória para reviver suas experiências e as inúmeras imagens vêm à tona como rememoração do narrador, cujo desejo é reviver essas recordações que, segundo ele, são a única forma de manter a tradição de sua linhagem e evitar o esquecimento. Ao reviver a sua história, o centenário chora pelo leite derramado e tristemente experimenta o gosto azedo do passado.

Outra época que Eulálio rememora é a que vivia no casarão de Botafogo, uma construção feita pelo seu pai, cheia de luxo, que tinha como objetivo urbanizar o Rio de Janeiro utilizando a França como referência e, por isso, havia resquícios da belle époque da República velha. Assim, o narrador-personagem descreve cada detalhe: “Ali há quartos enormes, banheiros de mármore com bidês, vários salões com espelhos venezianos, estátuas, pé-direito monumental e telhas de ardósia importadas da França” (BUARQUE, 2009, p. 6). Mas, lembra que tanto a fazenda quanto o casarão não existem mais e, em seguida, recorda: “Há palmeiras, abacateiros e amendoeiras no jardim, que virou estacionamento depois que a embaixada da Dinamarca mudou para Brasília” (BUARQUE, 2009, p. 6). Eulálio consegue, por meio de suas lembranças, alistar as destruições e as modificações que ocorreram pelos locais que sua memória explorou: “Aliás, bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais” (BUARQUE, 2009, p. 6).

Mesmo se tratando de uma obra ficcional, ao longo da narrativa são feitos diversos apontamentos relativos a acontecimentos verídicos, como referências à quebra da bolsa de Nova York em 1929, à Revolução Cultural dos anos 60 e 70, à Ditadura Militar, à ascensão nazista, à Segunda Guerra Mundial, entre outros eventos históricos.

Em Londres me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso do espólio da família Assumpção, desafortunadamente aplicada no mercado de ações norte-americano (BUARQUE, 2009, p. 59).

Eulálio se lembra da quebra da bolsa de Nova York e de toda crise que isso gerou, afinal foi essa crise que ajudou na decadência da família Assumpção, pois todo o dinheiro aplicado em café foi imprudentemente perdido.

Assim, é importante salientar que a contextualização da obra se faz presente na história da família Assumpção, nos locais descritos e nos modos de vida apresentados. Cada aspecto mencionado constrói a ambientação dos dois últimos séculos. No desenvolvimento do enredo vemos a construção de um Rio de Janeiro tangível, composto por um viés histórico diversificado, com delimitações bem precisas de aspectos políticos e sociais, como gestões presidenciais e sistema educacional brasileiro que, por um extenso período, era privilégio de uma pequena minoria. Os padrões morais também são postos em pauta, como os princípios

conservadores, dotados muitas vezes de preconceitos raciais, aspectos que atestam o quanto o sistema não visava à estruturação de uma sociedade mais ética e justa.

Para o crítico Kobena Mercer (apud HALL, 2006, p. 9), “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. A atitude do personagem Eulálio valida essa observação, pois, diante dos longos anos de vida e da saúde debilitada, ele vê suas memórias ameaçadas, prestes a afundarem no mar do esquecimento. Daí o desejo e a necessidade de resgatá-las e de realizar um autoconhecimento que, na altura da vida de Eulálio, se faz com certa precisão, dada a longevidade do personagem.

Os aspectos que se apresentam na narrativa contribuem para a construção da identidade do protagonista, como o episódio em que ele tenta se diferenciar dos outros não reconhecendo a sua identidade devido à sua atual classe social, mas, diante da situação em que se encontra, acaba se igualando. Aragão e Cruz (2011, p. 2472) apontam que embora “Eulálio reafirma a sua identidade de acordo com a lembrança de sua vida, é dentro de um hospital público, rodeado de pessoas enfermas, em fase terminal, que ele se dá conta de que seu nome e sobrenome não representavam nada ali”.

Ouçõ suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria cômico, eu aqui todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço (BUARQUE, 2009, p. 50).

Em meio a tal circunstância, Eulálio percebe que seu nome não abre mais portas nem lhe traz mais privilégios como já lhe concedeu um dia. Ele reconhece, então, que perdeu a identidade social da família dos Assumpção. Em um ambiente deplorável, Eulálio passa a se igualar aos demais pacientes.

Em “Resíduos de memória: leituras de identidade em *Leite derramado*, de Chico Buarque”, as autoras Patrícia Mariz da Cruz e Maria Fernando Garbero de Aragão dissertam acerca das escolhas de Eulálio, que segundo elas:

[...] atendem às necessidades emocionais, uma vez que, sua mente escolhe quais fatos quer relembrar, selecionando o que for melhor para ele reviver e recriando outras situações que lhe causaram dor e sofrimento. Eulálio somente revive o que lhe foi bom, alegre e recria, o que lhe parece ruim,

dando um novo aspecto para que os momentos ruins não fossem externados (ARAGÃO; CRUZ, 2011, p. 2471).

Partindo dessa observação, embora as autoras afirmem que Eulálio escolhe o que quer lembrar, notamos que essas interferências existentes na veracidade da narração, ocorrem justamente por causa do processo natural de envelhecimento da sua memória, que por vezes lembra e esquece diversas situações. Por isso, essa recriação à qual as autoras se referem sofre influências relativas às condições emocionais de Eulálio, que tenta recriar a história e acaba alterando alguns detalhes da sua vida.

Em linhas gerais a temática da narrativa nos leva à reflexão do quão instável é a vida, desde o nascimento até a morte. Por fim, é pelos olhos do personagem Eulálio que vemos desencadear, no tecido da memória, encontros, desencontros, conquistas, decepções, a construção da identidade individual e nacional entre tantas outras situações às quais também somos submetidos nessa trajetória humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Leite derramado*, Chico Buarque representa as transformações que ocorreram na sociedade brasileira ao misturar tradição e contemporaneidade, desde o período colonial até o século XXI.

No romance, Eulálio é um velho centenário que seleciona algumas das suas memórias a fim de recuperar a sua função social e lembrar de vários momentos da sua vida. Ao narrar a história da família Assumpção, o personagem constrói a sua identidade atrelado a identidade brasileira pelo viés social-político-histórico. Nesta perspectiva, conseguimos resgatar séculos da história do Brasil, que estrategicamente é constituída a partir das memórias senis do narrador personagem.

Ao se encontrar no ambiente hospitalar, Eulálio não reconhece este lugar, utiliza a memória como ferramenta principal do romance para resgatar a sua identidade. Segundo Hall (2006), a identidade é objeto da interação entre o indivíduo e a sociedade e que o sujeito tem sua essência interior. Por isso que Eulálio durante

o período da sua juventude era identificado como ser social, pois sua identidade era reconhecida como a família dos Assumpção. Entretanto, ao conseguir estabelecer uma relação com diversos mundos culturais, a identidade de Eulálio vai sendo construída juntamente com a identidade do Brasil.

O jogo memorialístico que envolve a narrativa é fundamental para compreender que o personagem se lembra, mas também se esquece de fatos importantes. Isso provoca no leitor uma desconfiança por não haver certeza dos fatos narrados. Nota-se então que, ao levantar dúvidas sobre a narrativa de Eulálio, a própria história da elite brasileira é posta em questão, justamente porque com o nascimento de Eulálio foi firmado uma aliança entre o público e o privado, de modo que as instituições públicas estabelecessem uma extensão no ambiente privado e na família. Foi assim que a elite brasileira surgiu no romance como a imagem do Eulálio, carregando o legado patriarcal sustentado no ambiente particular para o espaço público. A conexão existente entre o público e o privado nos fez compreender que, em *Leite derramado*, os assuntos referentes à memória são viesados pela história do Brasil, de modo que a família e as relações particulares de Eulálio se misturam ao poder público configurando o panorama político do país. Assim, desde os tempos do Império a história dos Assumpção se entrelaça à história nacional.

No decorrer da narrativa, os preconceitos da elite são expostos por Eulálio, que não aceita as misturas étnicas e raciais e, por fim, revela os preconceitos mais obscuros e, infelizmente, naturalizados no país. Devido a diversas narrativas relatadas por Eulálio, percebemos que a construção da identidade brasileira está relacionada à grande desigualdade, de mando e de dominação, de privilégios, chegando a comprometer a noção de cidadania e dignidade. A crítica presente em todo o romance enfatiza a situação de Eulálio, um senhor representante do poder da elite brasileira, que se encontra em um estado deplorável, dono apenas de um corpo doente e sem vigor, uma alusão metafórica do Estado brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria Fernanda Garbero de; CRUZ, Patrícia Mariz. Resíduos de memória: leituras de identidade em *Leite derramado*, de Chico Buarque. In: **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Cadernos do CNLF, vl. XV, nº5, t. 3. Rio de Janeiro: 2011, p. 2470-2475. Disponível em: <www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_3/211.pdf>. Acesso em: 16 de jan. 2020.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>>. Acesso em 14 fev. 2021.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BUARQUE, Chico. **Jornal Público, suplemento Ípsilon**. Rio de Janeiro, 17 de jul 2009. Entrevista concedida a Isabel Coutinho. Disponível em: <<http://blogues.publico.pt/ciberescritas/2009/07/18/chico-buarque-a-primeira-entrevista-sobre-o-romance-leite-derramado/>>. Acesso em 18 mar. 2021.
- CANABARRO, Tânia Cristina Vargas. **Memória social em Leite derramado, de Chico Buarque**: uma alegoria da formação do Brasil moderno. Disponível em:<http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8314_Tese%20T%E2nia%20Canabarro.pdf>. Acesso em: 02 de set. 2017.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, 2001.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LPM, 1991.
- GOUVEIA, Arturo. **A malandragem estrutural**. In: FERNANDES, Rinaldo de. (org.). Chico Buarque do Brasil: textos sobre canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOLANDA, Buarque Sérgio. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Leite derramado: ficção e história. Minas Gerais. 2011, p. 6. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1350>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

PRADO Júnior, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SENA, Tatiana. O baú da República: mobilidades e memórias em Leite derramado. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 43, p. 247-262, jan./jun. 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/elbc/a/jkrhQzfHyZBrvkz9K68w8Bm/?format=pdf> > Acesso em: 13 mar. 2021.

THIANE COUTO SANTOS

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E LINHAGEM EM LEITE DERRAMADO, DE CHICO
BUARQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenadoria do Curso Superior de
Licenciatura em Letras-Português como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras-Português.

Aprovado em 13 de setembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Michelly Cristina Alves Lopes

Profa. Ma. Michelly Cristina Alves Lopes

Instituto Federal do Espírito Santo

Orientadora

Michelly Cristina Alves Lopes

Prof. Me. Rogério Rufino de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Externo

Michelly Cristina Alves Lopes

Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho

Instituto Federal do Espírito Santo

Membro Interno